

Conhecimento, aprendizagem e socialização da extensão no contexto do laboratório de história da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Knowledge, learning and socialization of extension in the context of the laboratory of history of the University of Dom Bosco (UCDB)

RESUMO

O texto tem por objetivo apresentar algumas das atividades de extensão realizadas no Laboratório de História da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), contextualizando as ações desenvolvidas junto às escolas públicas e privadas de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, visando à conscientização junto aos alunos sobre o patrimônio cultural da capital sul-mato-grossense. A metodologia utilizada perpassou pelo método indutivo com cortes transversais, por meio de oficinas realizadas nas escolas para alunos do Ensino Fundamental e Médio, ministradas pelos bolsistas e pela coordenadora do projeto de extensão, utilizando livros, multimídia, debates e acervo fotográfico. Os resultados apontam para um contato direto com a população-alvo proporcionando uma partilha de saberes, construída a partir das discussões realizadas *in loco*, nas quais novos conhecimentos foram apreendidos, alavancando a vontade de uma mudança de postura em relação às reflexões sobre a preservação do patrimônio cultural campo-grandense e o exercício da cidadania. Quanto ao ensino-aprendizagem, os bolsistas de extensão também desenvolvem outras atividades, a saber: organização de eventos, visitas técnicas, realização de cursos, oficinas, participação de eventos e orientações de pesquisas científicas.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Patrimônio cultural. Extensão.

ABSTRACT

The text aims to present some of the extension activities carried out in the History Laboratory, Catholic University Dom Bosco (UCDB), contextualizing the actions carried out together with the public and private schools of Campo Grande, State of Mato Grosso do Sul, Brazil, aiming to raise awareness among the students about the cultural heritage of the Campo Grande. The methodology utilized was the inductive method with transversal cuts, throughout workshops held in schools for elementary and high school students, which were taught by scholarship holders and the extension project coordinator,

Daniele Machado Domingues

Graduanda em História pela Universidade Católica Dom Bosco, Mato Grosso do Sul, Brasil; bolsista no Projeto de Extensão Práticas Extensionistas no Laboratório de História: Saberes Culturais e Aprendizagem (danimd91@gmail.com).

Márcia Espindola Jordão

Graduanda em História pela Universidade Católica Dom Bosco, Mato Grosso do Sul, Brasil; bolsista no Projeto de Extensão Práticas Extensionistas no Laboratório de História: Saberes Culturais e Aprendizagem (mejordao27@gmail.com)

Maria Augusta de Castilho

Pós-doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; professora na graduação de pós-graduação da Universidade Católica Dom Bosco, Mato Grosso do Sul, Brasil; coordenadora do Projeto de Extensão Práticas Extensionistas no Laboratório de História: Saberes Culturais e Aprendizagem (rf5296@ucdb.br).

using books, multimedia, debates and photographic collection. The results point to a direct contact with the target population, providing a knowledge sharing built from the discussions held in loco, in which new knowledge was learned boosting the will for a change of approach regarding the reflections on the preservation of the cultural heritage field and the exercise of citizenship. As for teaching and learning, the extension students also develop other activities, such as: organization of events, technical visits, workshops, participation in events and scientific research guidelines.

Keywords: Teaching-learning. Cultural heritage. Extension.

INTRODUÇÃO

Em um mundo globalizado, as ações de extensão devem priorizar o aprendizado do ser humano para que ele possa viver em comunidade, desenvolvendo as habilidades aprendidas durante sua vida e em especial no âmbito universitário. Dessa forma, os acadêmicos têm uma avalanche de informações que precisam ser filtradas e utilizadas no campo da pesquisa que estão realizando. A internet, vídeos e notícias provenientes das redes sociais deverão ser usados com cautela, verificando-se a veracidade da informação para depois aproveitá-la em um trabalho de pesquisa.

Assim, a produção do conhecimento na vertente extensionista deve-se valer de mecanismos de ensino-aprendizagem, nas mais diversas áreas, objetivando o desempenho profissional e pessoal, buscando respostas aos problemas enfrentados pelas pessoas na sociedade. Por isso, é importante a participação e comprometimento dos bolsistas de extensão na realização das atividades propostas e desenvolvidas.

A extensão no Laboratório de História (Labhis) é desenvolvida para atender a demanda de escolas públicas e privadas semestralmente no que diz respeito à educação patrimonial. Tal atividade é feita pelos alunos do curso de História da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) juntamente com os bolsistas de extensão, visando assim, à formação completa dos acadêmicos envolvidos no projeto.

A extensão no Labhis também se propõe a orientar os trabalhos de pesquisa e de ensino dos alunos do curso de História, Direito

e Arquitetura e Urbanismo, para a complementação do ensino-aprendizagem em sala de aula. Nesse contexto, ressalta-se que o Labhis, enquanto laboratório de memória, objetiva arquivar e preservar a documentação sob sua responsabilidade; possibilitar o acesso e orientar o uso dos documentos; implementar e assessorar atividades de pesquisa e de extensão no âmbito da sua atuação; divulgar o acervo sob sua responsabilidade e os saberes decorrentes da sua atuação; promover ações em associação com instituições congêneres da cidade e região, tendo em vista fortalecer atitudes de respeito e responsabilidade pela memória social, expressos nas ações da comunidade.

As atividades de extensão são desenvolvidas por meio de oficinas, cursos, organização de eventos, orientações de pesquisas e visitas em escolas públicas e particulares, para se trabalhar o patrimônio cultural em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

O Labhis também trabalha no sentido de entender o processo de construção dos saberes escolares, procurando conhecer por meio do ensino de história como a formação de professores de história influencia o modo de como ensinar a disciplina, pesquisando materiais didáticos que servem como suporte para o ensino de história: manuais didáticos, currículos, documentos e programas de ensino. Tais atividades inserem-se nas ações que os bolsistas desenvolvem no laboratório, por meio de orientações que vão desde a escolha da obra no acervo até a elaboração inicial do trabalho escolar.

A extensão no contexto acadêmico e comunitário

A extensão é uma forma de interação que deve existir entre a Universidade e a comunidade na qual aquela está inserida (interna e externa). Assim, devem ser abordadas as potencialidades das ações como um espaço propício ao desenvolvimento do conhecimento por meio da apreensão do saber na comunidade universitária como um todo.

A extensão é entendida como um processo educativo, cultural e científico que viabiliza e propõe ações junto à sociedade e, nessa via de mão dupla, oportuniza um espaço de produção de novos saberes nas várias áreas do conhecimento, enquanto articulada com o ensino e a pesquisa, numa concepção transformadora e crítica.

Para se entender melhor o contexto da extensão é importante destacar alguns conceitos intrincados com o patrimônio cultural, uma vez que ele apresenta valores e significados essenciais à preservação dos bens materiais e imateriais do legado relacionado a cada comunidade.

Raffestin (1993, p. 153) menciona que “falar em território é fazer uma referência explícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com a porção do espaço. A ação desse grupo gera de imediato, a delimitação”. É o que acontece com as atividades de extensão realizadas em diversos espaços interativos e criativos.

No aporte de Tuan (1993, p. 60) a “cidade natal é um lugar íntimo. Pode ser simples, carecer de elegância arquitetônica e de encanto histórico, no entanto, ofendemos-nos se um estranho a critica”. Percebe-se que o apreço maior pela cidade e sua história são de pessoas mais vividas e naturais de Campo Grande-MS, que valorizam o patrimônio existente na cidade.

“Os acontecimentos simples podem no tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar” (TUAN, 1993, p. 158). Os habitantes quando conhecem e valorizam o patrimônio, passam a tratá-lo como seu, aumentando ainda mais o amor e o sentimento de pertencimento pelo lugar onde vivem.

A memória como experiência na vida social assume relevância, principalmente, ao garantir o significado das coisas, pelo fato de proporcionar domínio, transmissão, preservação e continuidade (ABREU; CHAGAS, 2003). Das memórias individuais, surge a memória coletiva como processo social de lembrar o passado vivido por determinado grupo social. Da mesma forma, a memória coletiva surge em determinada comunidade a partir de seus interesses e dos referenciais presentes (HALBWACHS, 2013).

De acordo com Geertz (2008), a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda experiência histórica das gerações anteriores, podendo ser modificada e transformada conforme a criação e educação dada ao indivíduo. Somos expostos a diversas formas e modelos de cultura, mas o que determina a formação do sujeito são o aprendizado e o comprometimento do indivíduo.

As identidades experimentadas, ou vividas, têm a ver com as representações cognitivas e o sentimento de pertença, reportados aos coletivos de qualquer espécie (categorias institucionais, grupais, territoriais ou outros), que um conjunto de pessoas partilha, emergentes da sua experiência de vida e situações de existência social. (COSTA, 2002, p. 27).

Vale lembrar que, no contexto identitário, cada comunidade pode e deve preservar sua memória e seu patrimônio, o que é confirmado por Grumberg (2007, p. 4), ao enfatizar que:

Patrimônio Cultural são todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com sua própria história e necessidades. Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança.

Em outra vertente, a educação patrimonial possibilita aos educandos a realização da leitura do mundo que os rodeia, de modo a valorizar sua herança cultural e o fortalecimento da identidade e cidadania. Estimula, ainda, a percepção do meio cultural em que eles se inserem, de modo a evidenciar o sentimento de pertença. Isso se torna possível pela apropriação dos bens e valores próprios de cada realidade cultural (SANTOS; CASTILHO, 2012).

Os trabalhos realizados pelos acadêmicos da UCDB ocupam espaço imprescindível para se entender a dinâmica da sociedade, cabendo à coletividade compreender o seu papel e assim, resolver os atributos culturais, especialmente os instalados na comunidade. Tal espaço torna-se uma base de convivência social para as práticas cotidianas, nas relações primárias e na coesão gregária das pessoas, podendo construir ações localizadas e recriadas constantemente no território. Ele pode ser entendido como a somatória dos sistemas naturais de um determinado local, possibilitando a construção de uma sociedade

estabelecida por homens.

Nesse diapasão, a diversidade cultural aparece no cenário mundial como um elemento merecedor de atenção e destaque, fazendo com que a cultura e a identidade se organizem de forma a se estabelecer redes de coesão social, promovendo políticas de desenvolvimento.

Por outro lado, o patrimônio cultural é transmitido de geração em geração e constantemente é recriado pelas comunidades e grupos, ampliando assim as possibilidades de preservação e conservação do patrimônio para gerações futuras.

Nessa perspectiva, em 2018, foram realizadas oficinas em escolas públicas e particulares, de Campo Grande-MS, atingindo um total de 300 alunos. Tais oficinas/palestras foram documentadas via fotografias, as quais compõem o acervo do Labhis.

Os bolsistas de extensão do Labhis iniciaram a elaboração dos slides sobre a temática proposta e a seleção de obras que foram distribuídas gratuitamente aos alunos e professores que participaram das oficinas. Elas transcorreram com discussões e debates sobre “O patrimônio cultural em Campo Grande”, com participação calorosa por parte dos alunos, no que se refere à preservação do patrimônio campo-grandense e a necessidade da população e governança trabalharem em conjunto para divulgar o patrimonial na capital sul-mato-grossense.

METODOLOGIA

O estudo foi baseado no método indutivo com cortes transversais, cuja vertente inicial aponta para os processos trabalhistas na direção de buscar explicações das condições de produção das fontes locais, no intuito de averiguar em que medida as características das atividades podem permitir a construção de uma identidade sul-mato-grossense que saiba preservar seus patrimônios histórico-culturais, sociais, judiciários etc.

Após os contatos com as escolas, foram iniciadas diversas atividades para o oferecimento das oficinas/palestras aos alunos das referidas escolas. Como a temática escolhida foi o Patrimônio Cultural Campo-grandense, bolsistas de extensão e coordenadora do projeto

consultaram obras de autores que embasassem o estudo e também auxiliassem na apresentação do conteúdo temático tais como: imagens, acervos documentais, discussões e reflexões sobre a cidadania, pois a preservação do patrimônio cultural local ou de uma nação inicia-se por uma atitude cidadã. Assim, foram iniciadas pesquisas sobre conceitos fundamentais para se trabalhar a temática proposta nas oficinas. Dentre esses conceitos destacam-se: território, lugar, memória, cultura, identidade e patrimônio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificou-se que pesquisar os suportes e representações da consciência histórica nos estudantes do ensino fundamental, médio e universitário no laboratório constituiu-se em importante mecanismo de aprendizagem.

Foi possível verificar a necessidade da escola enquanto instituição, sob o ponto de vista do acesso à universidade e o conhecimento do acervo e materiais diferenciados para uso nas aulas de história e oficinas interdisciplinares. A atividade contou com a participação dos bolsistas de extensão, proporcionando uma interação direta entre futuros professores de história e a comunidade escolar local.

É de responsabilidade dos professores colaborar para que o aluno seja sujeito de sua própria aprendizagem, uma vez que deve estar ciente do que irá realizar no contexto escolar. As oficinas oferecem alternativas de pesquisas, dando a alunos e professores ferramentas para aprender a planejar, a trabalhar com hipóteses e a encontrar soluções de problemas que venham a surgir em seu dia a dia. Nessa perspectiva, para que adquiram essas habilidades, faz-se necessário trabalhar com práticas pedagógicas voltadas para a formação do aluno, para o exercício da cidadania plena, respeitando a individualidade de cada um, utilizando-se de conteúdos interdisciplinares e contextualizados (FAZENDA, 1994).

Assim, os acadêmicos bolsistas de extensão da UCDB aprendem a organizar eventos, fazer arquivos, elaborar relatórios, tirar fotografias e construir acervos sobre os eventos que participam e organizam.

Um velho provérbio chinês anônimo datado de 4.000 a.C. já

expressava: “Se decoro, esqueço; se vejo, lembro; se faço, aprendo”. A experiência tem demonstrado a atualidade desse provérbio e que o verdadeiro aprendizado acontece realmente com o relacionamento da teoria com a prática, ou seja, além do estudo, vendo e fazendo.

O espaço do Labhis fortalece a participação efetiva de docentes e de discentes nas atividades extensionistas. Os relatos das práticas propiciam o conhecimento dos objetivos, metodologia, população-alvo, articulação com o ensino e a pesquisa e, principalmente, explicitam diferentes concepções de extensão universitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho, realizado pela UCDB, envolve bolsistas, docentes, discentes, comunidade externa, na realização de uma análise sobre a realidade educacional do país, cujo objetivo é formar profissionais competentes para atuar em sala de aula.

A interdisciplinaridade já é uma conquista para a universidade e com projetos de extensão essa nova modalidade tem sido valorizada. Várias iniciativas pioneiras estão sendo trabalhadas e o Labhis passou a ser um espaço de reflexão e debate e tem contribuído de forma eficaz com a produção do conhecimento universitário.

As atividades de extensão desenvolvidas no Labhis têm permitido à UCDB socializar e democratizar os conhecimentos dos diversos cursos e áreas, e também preparar seus profissionais, **não** somente com a estratégia do ensino-transmissão, mas complementando a formação com a estratégia do ensino-aplicação e extensão.

Tais agilidades objetivam, por meio da extensão, permitir a efetivação do aprendizado pela aplicação prática. Essa aplicação, evidentemente, é sempre planejada e acompanhada por professores e bolsistas do Labhis que têm procurado associar teoria e prática. Ressalta-se que extensão é imprescindível à formação do universitário, pois sem ela os futuros profissionais estarão divorciados das comunidades onde estão inseridos, além de estarem alijados de instrumentos e condições capazes de lhes propiciar uma formação integral consolidada.

A interação realizada em 2018 com escolas públicas tem auxiliado os

graduandos do curso de história a adquirir experiências voltadas para o ensino, a pesquisa e a extensão de forma indissociada.

REFERÊNCIAS

ABREU, R.; CHAGAS, M. *et al.* **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP7A, 2003. 316 p.

COSTA, R. B. Sistemas agrossilvipastoris como alternativa sustentável para a agricultura familiar. **Revista Interações**, Campo Grande, v. 3, n. 5, p. 25-32, set. 2002. Doi: <http://dx.doi.org/10.20435/interacoes.v3i5.567>.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridades**: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papyrus, 1994. 144 p.

GERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 224 p.

GRUMBERG, E. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. 222 p.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. 288 p.

SANTOS, M. C. L. F.; CASTILHO, M. A. **Rota do trem do Pantanal**: o diálogo entre patrimônio e desenvolvimento local. Campo Grande: Life, 2012. 144 p.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1983. 291 p.

Submetido em 5 de dezembro de 2018.
Aprovado em 7 de fevereiro de 2019.